



### *E e S - À AVENTURA*

*E* pertence à nobre família dos *Chamaeleonidae*, nascida há mais de 100 milhões de anos. Porém, é um ser modesto. Um dia, abalou do Saara e atravessou o mar Atlântico, envolto num grande cacho de bananas, rumo a Portugal. Durante a viagem, fez um esforço enorme para não falar. Se o descobriam, deitavam-no ao mar! Quando ouviu dizer que *S* ia desviar a rota para o Alasca, entrou em pânico: os olhos reviravam-se, cada um para seu lado, dando-lhe uma aparência estranha e a sua cauda preênsil retorcia-se em vão. Felizmente, era um falso rumor!

Ele é um grande camaleão e gosta de mariposas, besouros, joaninhas, libelinhas, mosquitos e folhas. *E* aprecia, sobretudo, uma boa folha seca! Mas também adora mamão, figos, banana e maçã.

Na viagem, não sabia já o que fazer. Apetecia-lhe uma libelinha fresca. Saiu do esconderijo e foi até à proa de *S*. Era fim de tarde e a maresia inundava o ar. E, bem apoiado nas suas patas fortes, movimentava-se com lentidão para não ser notado. Mas, eis que uma libelinha atordoada embatia nas velas de *S*. Era só lançar-lhe a língua grudenta a grande velocidade. Fixou-a com um olho e usou o outro para verificar se havia predadores. Mas que confusão! Vejo

duas imagens, cada uma para seu lado. Tenho de juntá-las, senão estou perdido! – Pensou. À medida que se aproximava da presa, pregou nela os olhos e fez pontaria. Apanhou-a e comeu-a num ápice, enquanto se preparava para voltar ao conforto disfarçado do cacho de bananas. Porém, Captain Smith, que bebia o seu Whisky, viu *E*, que se escapulia, deixando um rasto de queratina no tabuado. Estava na muda da pele e Captain Smith logo o adotou.

Chegados a Albufeira, *E* instalou-se nos arbustos frondosos da quintarola do Beato Vicente. Todavia, sentia-se solitário. Precisava de conviver, de descer das árvores e fazer amigos. Então, numa radiosa manhã, vestiu um padrão colorido em tons de rosa, laranja, verde, amarelo, turqueza e púrpura, foi ao Peneco, onde ficara *S*, e, juntos, rumaram à praia da Oura. Já na viagem, ouvira falar da Rua dos Bares! No caminho, todos olhavam para o seu multicolorido leve e percebiam que cobiçava fêmea. Encontrou uns sujeitos que lhe falaram da Ria Formosa, afamado *habitat* da sua espécie. E foi aí que, na manhã seguinte, descobriu a sua cara-metade – Maria Aparecida. A vida de *E* tornou-se, então, numa verdadeira loucura. Viajaram muito e, certo dia, Barrocal adentro, entraram no Castelo de Paderne, um da bandeira de Portugal. Logo subiram à muralha mais alta para que *E*, finalmente, se declarasse à amada. Porém, algo

de inusitado sucedeu. Maria Aparecida, à beira de um precipício, perto de uma mantilha vermelha ali largada, de repente, desapareceu. *E* desesperado, procurou-a em vão, gritando da torre albarrã por socorro, enquanto, *S*, na ribeira, em baixo, tentava perceber o que acontecera. Mas que grande aflição! Já noite e ela desaparecida. As buscas persistiram horas a fio, até que a alvorada raiou sem resultados. O sol doirava já quando *E* e *S*, esgotados, dormitaram um pouco para, depois, retomar as buscas. Vieram também acudir os amigos da Ria Formosa e o experiente Captain Smith, que souberam da notícia por uma andorinha a caminho dos Açores. Percorreram todo o castelo: a ermida da Nossa Senhora da Assunção, a cisterna profunda e outros cantos insólitos. E passaram a pente fino os arredores até à Ponte Romana, tendo encontrado, apenas, umas pegadas estranhas. Desanimados, voltaram ao interior das muralhas. Entretanto, *S*, nas águas, tentava descobrir algum sinal. E, nesse preciso momento, ouviram um choro murmurado que não se sabia de onde vinha. Assombrados, dirigiram-se na direção do lamúrio. Mas nada mais se ouvia. Os amigos regressaram a casa, deixando *E* e *S* isolados na sua demanda. Mais tarde, pela calada da noite, quando já perdera as esperanças de encontrar Maria, *E* vislumbrou vultos num corredor do castelo. Mas o que se

passava ali? Estava estarrecido. De súbito, avistou uma formosa camaleoa que suas variegadas cores preparava e a ele se insinuava. Estava cada vez mais atónito! Deve ser uma camaleoa moura encantada do Alandaluz – Imaginou. Deu dois passos em frente e divisou, semi-escondida, a tal mantilha vermelha. Nem queria acreditar! Teria uma pista nas mãos? Agarrou a mantilha e cheirou-a. Rescendia a Maria Aparecida! Perante isto, *E* retomou as buscas com *S*. Procuraram, procuraram, mas, de novo, nada acharam, o que deixou *E* muitíssimo abalado. Ao vê-lo tão abatido, a cínica camaleoa agarrou-se a *E* que a repeliu indignado. O que fizeste a Maria Aparecida? – Retorqui. Enquanto isto, a maléfica ria-se na cara de *E*, que estava cada vez mais aterrorizado. Só se ouvia: muahahah! por todos os cantos sombrios do castelo. *E* bradou muito alto, contando a *S*, que navegava em baixo, o que se passara. Estavam perplexos! Subitamente, um ponto de luz surgiu no fundo do corredor. Era um pirilampo. *E* não pensou duas vezes e pediu-lhe ajuda para encontrar a amada no meio da terrível escuridão. Imediatamente, o doce inseto o conduziu a um profundo alçapão armadilhado. *E* debruçou-se e, qual não foi o seu espanto, quando lobrigou a camaleoa ardilosa, muito irritada, aos pontapés a uma pedra redondinha, deveras lisa, que chorava. Será isto um feitiço? –

Magiou. O pirilampo, muito ligeiro, descobriu uma passagem secreta, infiltrou-se no alçapão e encandeou fortemente a camaleoa despeitada, immobilizando-a. Nessa altura, já *E*, alumiado, ia descendo, a custo, as íngremes escadas. Lá em abaixo, olhou ternamente a admirável pedra que repetidamente chorava. *E* já não tinha dúvidas. Era um feitiço maldito! Com meiguice, apoderou-se da pedra, que, ao sentir-se segura nos braços do seu amor, se tranformou na maravilhosa Maria Aparecida. Ainda estremunhada, Maria contou-lhe os sofrimentos cruéis que padeceu, explicando que era bem lusa a malvada que a enfeitiçou e não sarracena. Era meia-noite quando Maria foi resgatada! *E*, sempre agarrado à sua amada, e qual cavaleiro das cruzadas, puxou, outra vez, da força do seu bem-querer e transfigurou a camaleoa maldita num áspero pedregulho. Maria Aparecida e *E* desceram, enfim, a encosta do castelo muito felizes. No sopé do monte, *S* aguardava-os e, tranquilamente, fizeram-se às águas, sem mais demoras. No caminho para Albufeira, *E* pediu Maria Aparecida em casamento. E ei-los retornados ao Beato Vicente, onde inda hoje permanecem felizes, comendo figos e libelinhas.

*2.º Ano do Curso de Educação e Formação de Adultos*